

O MEMORIAL DO OUTRO: A DINÂMICA DE SOBREVIVÊNCIA PELA ESCRITA NA OBRA *OS ANOS*, DE ANNIE ERNAUX

Maria Elisa Barbosa Siqueira

Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ)

mari.barbosa1799@aluno.ufsj.edu.br

Resumo

O presente artigo investiga o projeto de escrita em *Os anos* (2021), de Annie Ernaux, na qual sua experiência privada é utilizada como ferramenta de relato da história coletiva na França. O ato de escrever suas lembranças exibe um princípio de provocação e questionamento sobre o contexto social da época. As fotografias, elementos reconstruídos pela materialidade do texto, revelam o esboço de um ser indefinido, o retrato de um sujeito biográfico que não se apoia no uso da categoria gramatical “eu”. A verificação de que se utilizam apenas os pronomes “nós” e “ela” sublinha como os leitores da obra são convocados pelos jogos referenciais, nos quais a intromissão do outro permite que a história perdida no passado seja preservada para o futuro. Para tal análise, serão empregados os conceitos trabalhados por Leonor Arfuch, Roland Barthes, Pedro G. D. Brito, Serge Doubrovsky, Philippe Dubois, Gabriela S. Freitas e Jovita M.G. Noronha. A obra de Ernaux é um memorial para a sociedade, espaço do qual faz parte e no qual se torna narradora das múltiplas perspectivas que a cercam.

Palavras-chave: Escrita; Narrativa; Espaço biográfico; Identidade.

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

Maria Elisa Barbosa Siqueira

Graduada em Letras–Língua Portuguesa e suas Literaturas pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). Atualmente, é aluna do Programa de Mestrado em Letras (PROMEL) da Universidade Federal de São João Del-Rei, pela área de concentração Teoria Literária e Crítica da Cultura e na linha de pesquisa Literatura e Memória Cultural. Além disso, foi contemplada com uma bolsa de mestrado, concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em 2025. Sua pesquisa tem como viés de destaque as escritas autobiográficas na literatura brasileira.



lattes.cnpq.br/7807862824018531



orcid.org/0009-0008-4534-9931

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

O MEMORIAL DO OUTRO: A DINÂMICA DE SOBREVIVÊNCIA PELA ESCRITA NA OBRA *OS ANOS*, DE ANNIE ERNAUX

Maria Elisa Barbosa Siqueira

Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ)

(mari.barbosa1799@aluno.ufsj.edu.br)

1. Introdução

A escrita que visa o olhar de um autor para as nuances de si podem se ver imersos em dilemas acerca da identidade e representação do sujeito, questões que serão vislumbradas também pelo público leitor alcançado na publicação da obra.

Roland Barthes, em seu livro denominado *Roland Barthes por Roland Barthes* (2003), declara como o imaginário, elemento central de uma narrativa pessoal e expressão própria dos labirintos internos de quem se dispõe a examinar sua intimidade, manifesta-se por meio de múltiplas máscaras que confluem no plano do papel. O livro é visto como um palco, material no qual são exibidas as faces de um ser, sem ao menos revelar uma entidade definitiva, ou ao menos essencial (BARTHES, 2003, p. 136).

Sendo assim, há uma certa complexidade em contar as histórias que lhe pertencem, pois estimulam um trabalho de revisão do sujeito como um personagem romanceado. Contemplar o eu que habita tempos anteriores, que escapam do presente e se perdem nos fios entremeados da memória, aparenta a exploração de um campo ainda mais fragmentado.

Para o sociólogo francês, romances circunscritos pela esfera da autobiografia não permitem alcançar um indivíduo estável através da escrita, compatível com o sujeito empírico que elabora o texto (BARTHES, 2023, p. 136). São apreciados então os personagens moldados ali, imaginados e ancorados na superfície das folhas, criados a partir de um lápis ou uma caneta.

DOSSIÊ "MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

Há trabalhos que se dedicam ao relato da história de um povo através de uma perspectiva única. Logo, o ato de narrar os cenários sociopolíticos comuns de um local, comunidade ou país não é capaz de ignorar a dubiedade particular que seu narrador carrega. Porém, interroga-se até mesmo sobre as possibilidades de uma obra que se abre para as distintas compreensões de um fato célebre e verificável da sociedade. Tais considerações são fundamentais para avaliar o projeto memorial desenvolvido pela escritora Annie Ernaux na obra *Os anos* (2021), peça central dessa análise.

A seguinte frase abre o livro, “Todas as imagens vão desaparecer”(ERNAUX, 2021, p. 7). O comentário destaca um aspecto fundamental da obra, como são interligadas as crônicas de largos períodos da vida de Ernaux com as fotografias reconstruídas pelo material textual, configuração que não teme em admitir sua própria vulnerabilidade e indefinição, herdada também do gênero textual ao qual foi produzido.

Se é possível entender o caráter finito das imagens que farão parte da obra, e mesmo que as fotos da escritora sejam parte fundamental do memorial, admite-se a fragilidade e indefinição da identidade que será expressa e transformada pela escrita.

Além disso, tal apontamento destaca a fuga da autora em se prender à singularidade. Não há menção de uma categoria gramatical **eu**, somente o uso dos pronomes pessoais **nós** ou **ela**, o que gera uma narração distanciada dos eventos sociais que marcaram os séculos XX e XXI. Revela-se então a convocação dos múltiplos pontos de vista sob uma identidade comumente autobiográfica, que não tem a pretensão de ser particularmente intimista.

Os leitores, aqueles que foram imaginados em um ideal de coletividade proposto por Ernaux, todos eles podem se sentir incluídos na história contada pela autora. O outro, entidade indefinida, tenta superar as lacunas de identidade percebidas na escrita memorial, enquanto os cenários e personagens reconstituídos tornam-se ferramentas para explorar os fatos que afetaram a plural população francesa.

Sua narrativa denota a noção de perda e esquecimento, mas a escrita, suporte selecionado para se apropriar das lembranças, tem a função de perdurar frente às intempéries do tempo. Por conseguinte, mostra-se necessário compreender se as memórias dos indivíduos resistem ao iminente desaparecimento.

Dado essa introdução, as discussões tecidas acerca da memória são cruciais para a investigação de *Os anos* (2021) como uma busca pela preservação, bem como a história revisitada é capaz de ser veiculada e destinada ao outro.

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

2. A história de todos nós:

Em um determinado momento, Annie Ernaux pondera sobre a perda do vocabulário de seus antepassados, os costumes e as superstições compartilhadas no seio do seu lar não poderão ser acessados em plenitude pelos seus descendentes.

Até mesmo indivíduos e rostos familiares serão tomados pelo tempo, como expresso “Nas conversas ao redor de uma mesa em dias de festa, nós seremos apenas um nome, cujo rosto vai se desvanecer até desaparecer na massa anônima de uma geração distante” (ERNAUX, 2021, p. 16). Desse modo, conclui-se que o ato de relembrar também é afetado e se altera pela distância impositiva do passado.

Serge Doubrovsky defende o caráter impreciso da memória no ensaio “O último eu” (2014), ressaltando que “Nenhuma memória é completa ou fiável. As lembranças são histórias que contamos a nós mesmos, nas quais se misturam [...] falsas lembranças, lembranças encobridoras, lembranças truncadas ou remanejadas segundo as necessidades da causa” (DOUBROVSKY, 2014, p. 122). Lembrar é um processo regido pela incerteza, assim como a impossibilidade de verificar uma verdade ao ser contada.

Se as lembranças são essencialmente fragmentadas, ou seja, não garantem uma exata concretude na representação de situações mundanas, relembrar deve ser compreendido pela ideia de reconstrução ficcionalizada, uma vez que a memória lida com a constante roteirização ordenada dos fatos ao ser revisitada.

No artigo “A escrita autobiográfica de Annie Ernaux”, é apresentado como o projeto textual, intitulado pela francesa como **autossociobiografia**, tem como objetivo explorar as inquietações consumadas pelos vestígios memoriais em comunhão com a vida que experimentou. Ao categorizar sua escrita norteadas sob esse novo conceito, fica nítido como a autora enxerga uma relação de interdependência entre as esferas individuais e sociais, refletindo em seus livros os temas sociais que atravessam sua trajetória pessoal, como classe e gênero (FREITAS, 2024). Os encontros entre familiares da escritora traziam consigo uma bagagem do que era sobreviver na França em meio a dominação do exército nazista:

a chegada dos alemães — cada um à mesa situava precisamente onde, em qual cidade tinham chegado —, os ingleses sempre corretíssimos, os americanos sem cerimônias, os colaboracionistas, o vizinho de cada um durante a Resistência, a fulana que teve a cabeça raspada na Libertação; Le Havre destruído, não tinha sobrado absolutamente nada, o mercado negro; a Propaganda; os alemães fugindo, atravessando o rio Sena em Caudebec montados em cavalos exaustos. (ERNAUX, 2021, p. 17, grifos meus)

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

A lembrança percorre o rito da refeição em conjunto, mas os fatos possuem uma certa imprecisão na sua descrição, consequência direta da avassaladora passagem temporal. Os personagens que figuram nesse cenário de devastação, o vizinho, a fulana e os alemães, coabitam o relato e criam uma narrativa em comum, composta pelos pontos de vista únicos de cada narrador. A devastação causada pela Segunda Guerra Mundial é captada por meio das memórias privadas, unidades que erguem um panorama maior desse período histórico.

As escritas pautadas nas experiências particulares em meio ao mundo amplificam as tensões já existentes entre as esferas pública e privada da sociedade, principalmente no que diz respeito à suposta separação das suas zonas de atuação sobre o indivíduo.

De acordo com Leonor Arfuch em *O espaço biográfico* (2010), é tido que:

O tempo transcorrido e, sobretudo, as transformações políticas das últimas décadas, o novo traçado do mapa mundial e o desdobramento incessante das tecnologias, que foi além de qualquer previsão, transtornaram definitivamente o sentido clássico do público e do privado na modernidade a ponto de essa distinção se tornar frequentemente indecível. (ARFUCH, 2010, p. 95)

Assim sendo, evidencia-se que não é possível mensurar uma fronteira que separe perfeitamente os dois espaços. A sociedade contemporânea revela a intromissão constante do outro nas esferas íntimas do indivíduo, algo que pode ser percebido na proliferação de diversas formas e gêneros de produções autobiográficas publicadas. Alguém lerá as memórias de outro ser humano e criará sentidos a partir da vida privada desse indivíduo. Com isso, registra-se um elo indissociável entre **eu** e **nós** na escrita de si (ARFUCH, 2010).

A valorização das perspectivas generalizadas pode ser percebida na descrição de vários locais e comunidades no decorrer de sua narrativa. Desde a transfiguração dos seus familiares em personagens até a reivindicação da fala de temas sócio-políticos que abarcam os estudantes de sua instituição de ensino superior, professores, companheiros, entre outros.

No seguinte trecho, os assuntos que envolviam a vida e saúde da mulher também encontravam seu momento para ser discutido no cotidiano das jovens: **“Mas ainda não éramos adultos. [...] A virgindade era incerta e a sexualidade uma questão muito mal resolvida que ocupava as conversas das meninas nos quartos do alojamento universitário durante horas”** (ERNAUX, 2021, p. 69-70, grifos meus). A fala carrega consigo um semblante do coletivo, como se revivesse a história de um grupo do qual a personagem participava na década de 1950, e não somente um ponto de vista retido no quarto das estudantes.

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

A autora francesa reflete sobre os efeitos da esfera pública em sua narrativa, principalmente no que diz respeito às decisões e negligências dos temas políticos que influenciavam diretamente sua vida.

O estudo apresentado pelo artigo “Le mort hante le vi” (BRITO, 2023) defende como há um estremecer das linhas que definem o gênero autobiográfico, através de uma escrita marcada pela impessoalidade gramatical ao retratar a trajetória dos novos cidadãos que despontaram para a vida em sociedade.

Logo, é essencial entender como a presença ativa da categoria gramatical **nós** e a falta do **eu** é um artifício do texto, a fim de contemplar os múltiplos viéses na narrativa. No trabalho de Jovita Maria Gerheim Noronha, nomeado “Interfaces entre biografia e autobiografia na obra de Annie Ernaux” (2014), argumenta-se que a descentralização identitária marca o modo como a escritora arquiteta seu projeto memorial. O intuito desse procedimento literário é desnudar os mecanismos sociais de dominação de grupos inferiorizados e, ao mesmo tempo, atribuir o potencial à obra de atuar como ferramenta de intervenção política.

Esse efeito pode ser percebido em diversas passagens da obra, como na cena em que a protagonista expressa sua sensação de deslocamento após o casamento e a maternidade:

Ninguém ousava relacionar o que era vivido com os discursos políticos ou com os acontecimentos do mundo. No máximo, se permitia sentir algum prazer votando contra o general De Gaulle e a favor daquele candidato arrojado cujo nome remetia vagamente aos anos da Argélia francesa, François Mitterrand. **No decurso da existência pessoal, a História não significava nada.** Dependendo do dia, éramos felizes ou tristes. Simples assim. **Quanto mais imersos no conjunto composto por realidade, trabalho e família, mais se experimentava um sentimento de irrealidade.** (ERNAUX, 2021, p. 82, grifos meus)

O relato ecoa vozes multivalentes e, mesmo que modeladas sobre o panorama de sua vivência, abrange uma quantidade maior de outras mulheres que também sentiam-se à parte do contexto político da época. O material não ressoa somente a voz enunciativa do **eu**, mas transforma Ernaux em uma portadora, ou melhor dizendo, em uma editora das falas daqueles agrupados pela esfera do **nós**.

Nesse todo reinventado, baseado nas lembranças de um indivíduo e configuradas em uma narrativa ordenada, a escritora está presente. Ela é incluída entre a massa de jovens e mães, unidas pelo sentimento em comum de que as consequências das mudanças históricas

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

não influem sobre a intimidade de suas rotinas. Porém, não existe um enfoque de sua figura distanciada, mas na forma como ela é um ser que participa ativamente desse grupo.

Portanto, é possível inferir que a história contada por Annie Ernaux se encontra em plena (re)construção, alvo de roteirização romanesca ao ser passada para o papel (DOUBROVSKY, 2014) daquilo que foi observado no decorrer de décadas da sua vida.

O seu relato tem o propósito de recuperação espectral das várias versões que desempenhou em vida, com o intuito de fundar um memorial que não pertença a um sujeito uno e que, simultaneamente, permita se sentir representada por **ela**.

Ainda se afirma que “É por meio das percepções e sensações vividas por esta adolescente morena de óculos de catorze anos e meio que a escrita aqui pode registrar [...] e captar o reflexo da história coletiva projetado na tela da memória individual” (ERNAUX, 2021, p. 45), conferindo o potencial do passado visto e vivido por ela para abarcar as falas daqueles que também se sentem à margem dos extensos debates em prol de mudanças sociais.

3. Quem é aquela representada por *ela*?

Em *A câmara clara*, Roland Barthes descreve o processo de observar as fotos da mãe que recentemente havia falecido. Segundo o pesquisador, “Eu sabia que, por essa fatalidade que é um dos traços mais atroztes do luto, eu consultaria imagens em vão, não poderia nunca mais lembrar-me de seus traços (convocá-los, inteiros, a mim)” (BARTHES, 1984, p. 95). A ideia tratada aqui se debruça na desconexão da imagem que tem em suas mãos com aquela mulher que ele conheceu. Compreende-se então que as fotografias exibem imagens fixas em um espaço temporal distante, inalcançável para quem as contempla.

Em outro trecho, aponta-se que “E eis que começava a nascer a pergunta essencial: será que eu a reconhecia? [...] Eu sempre a reconhecia apenas por pedaços, ou seja, não alcançava seu ser e, portanto, toda ela me escapava” (BARTHES, 1984, p. 99), o que retoma a noção de que a face de um indivíduo, por mais que esteja retratado e possa ser visualizado pelo outro, não consegue recuperar a totalidade de quem era esse sujeito. A existência encontrada aqui é partida.

Tais considerações se entrelaçam com a maneira bem distinta que a **autossociobiografia** de Annie Ernaux apresenta suas fotografias, já que nenhuma das imagens citadas pela autora são reveladas integralmente aos leitores. Tudo o que pode ser visto é a tentativa de recriar, por meio das palavras, o que ou quem representa.

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

Aquilo que antes era uma imagem plena acaba por se transformar em uma inédita representação feita entre os diversos parágrafos da obra. Como por exemplo, na passagem “É a foto de uma mulher tirada de frente, da cintura para cima, em um jardim cheio de arbustos [...] O rosto cheio, as bochechas altas contrastam, pelo aspecto jovial, com as bolsas debaixo dos olhos e as linhas marcadas na testa” (ERNAUX, 2021, p. 153), o que pode ser imaginado pelo leitor é o retrato de uma pessoa adulta que possui marcas de expressão, uma imagem sem grande precisão de detalhes.

O texto não consegue dimensionar a existência dessa mulher, bem como as fotos não são capazes de conferir uma representação íntegra do ser humano que está exibido em sua moldura. As percepções de Barthes (1984) perpassam o estudo sobre as imagens recontadas em *Os Anos* (2021), no tocante à impossibilidade de se alcançar um retrato fiel das nuances de sua narradora-personagem. As palavras desenham Ernaux, sem que jamais seja possível reconhecê-la plenamente.

Assim sendo, certifica-se de que tanto as imagens quanto as lembranças sofrem com o caráter de instabilidade que apresentam em seu cerne, seja pelo desaparecimento ou pela incerteza.

Os dilemas de identidade e autoimagem ultrapassam a reconstrução das fotografias, podendo ser observados em outras falas da narradora:

A única certeza era seu desejo de ser mais velha. E a ausência completa da seguinte lembrança: a primeira vez em que viu uma foto de um bebê de camisola sentado em cima de uma almofada, entre outras fotos idênticas, ovais e de cor castanha, e **disseram a ela: “esta aqui é você”, fazendo com que fosse obrigada a ver a si própria naquele ser gorducho que tinha vivido uma existência misteriosa naquele tempo passado.** (ERNAUX, 2021, p. 29, grifos meus)

A personagem, vivendo a fase de adolescência, não estabelece quaisquer vínculos de si mesma com a recém-nascida retratada, o que sinalizaria a existência partida de duas entidades distanciadas. Ao mesmo tempo, Annie Ernaux, uma mulher adulta, revisita tal lembrança e traça pela escrita o estranho sentimento de não se reconhecer em uma foto.

Vale ressaltar que a incerteza é própria do ato de recordar, e isso se intensifica quando o panorama das fotografias está em análise. As imagens construídas que permeiam o texto não podem ser entrelaçadas à imagem da autora, o que torna ainda mais complexa a correspondência do sujeito autor com a personagem ali criada.

Outro debate a ser feito com relação ao trecho anterior diz respeito ao uso do sujeito enunciativo **ela** para se referir a personagem principal do relato, fato recorrente na

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

obra. A utilização da voz em terceira pessoa como “[...] categoria gramatical que desempenha o papel de uma máscara que adere e se descola, a um só tempo, do eu da escritora e que abre caminho para que seja explorado o caráter ex-cêntrico da (sua) identidade” (BRITO, 2023, p. 336), um instrumento da narrativa que propaga o distanciamento dos espectros moldados no livro para com o sujeito autor.

Na passagem “Também gosta de se imaginar dali a vinte anos recordando as discussões de agora sobre o comunismo, o suicídio e os métodos anticoncepcionais. A mulher de vinte anos a mais é uma ideia fixa, um fantasma. Ela nunca terá essa idade” (ERNAUX, 2021, p. 76), a presença da voz enunciativa **ela** sustenta os questionamentos acerca da identidade que se apresenta no livro.

Ao se deter nas questões em torno da subjetividade, Roland Barthes afirma o estatuto espiralado desse conceito, o que vem a traduzir sua fragmentação e descentralização. O pronome **eu** é dissociado de seu referente, abrindo espaço para que o imaginário possa invadir os reflexos do seu espelho (BARTHES, 2003, p.185- 186). A imagem perde sua base de sustentação, e uma história contada por si mesmo parece ser influenciada pelas mesmas incongruências.

Dessa forma, torna-se plausível pensar que a escolha de Annie Ernaux em reivindicar a categoria gramatical **ela** para sua **autossociobiografia** se interliga com a indeterminação de sua própria identidade, ao mesmo tempo em que a narrativa caminha por entre os anos vividos pela escritora, o que proporciona o desenho de suas várias versões em diferentes faixas etárias.

O indivíduo (re)criado no texto não é entendido por sua precisão, algo que ressalta como a busca por uma suposta estabilidade representativa também não é compatível com o projeto de escrita suscitado em *Os Anos* (2021).

Esse debate ressoa com os apontamentos de quando ele diz que “Cada escritor hoje deve encontrar, ou antes, inventar sua própria escrita dessa nova percepção de si que é nossa. De todo modo, reinventamos nossa vida quando a lembramos” (DOUBROVSKY, 2014, p.123-124). Annie Ernaux qualifica sua obra com uma nomeação exclusiva e atribui ao cânone do gênero autobiográfico uma nova maneira de explorar sua identidade reconfigurada no texto.

A recusa do **eu** fomenta os jogos de representação no memorial, que se abrem ao leitor como uma profunda dinâmica de ambivalência referencial. Cada pessoa deve obter um vislumbre único de quem é a mulher representada pelas fotografias, enquanto a narradora-

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

personagem externa suas dificuldades de se enxergar como um sujeito que não se fragmenta entre esboços de entidades, distanciadas uma da outra.

O relato, então, ressalta sua proposta de evocar um sujeito de enunciação coletiva (BRITO, 2023), em um esforço para acolher o outro em seu espaço de memória, principalmente para aquelas que poderiam estar afastadas dos palcos de debates sociais e políticos.

A indeterminação do sujeito e a abertura para múltiplas interpretações identitárias convida vozes complementares para recompor, entre as mesclas de um gênero que transita sobre a biografia e o romance, os fatos históricos junto de Annie Ernaux.

Philippe Dubois, no texto “Pós-fotografia, pós-cinema” (2019), explicita como “Uma historicidade construída não sobre a linearidade contínua (antes/depois), mas sobre as circunvoluções, a disseminação e as trajetórias transversais [...] uma história onde o futuro pode reencontrar, cruzar ou reunir-se ao passado” (DUBOIS, 2019, p. 22). Apesar da almejada linearidade de uma narrativa que apresenta, progressivamente, o que foi o mundo ano após ano, o projeto de escrita esclarece que o tempo também pode ser lido pelas trajetórias transversais que contemplam a vivência em sociedade. Tal fato pode ser comprovado pela posição da escritora em transmitir a história sobre as entidades imprecisas do **ela** e/ou **nós**.

A dimensão das variadas mudanças políticas e polos ideológicos que cruzaram e cruzam os séculos XX e XXI é englobada por uma estrutura que tenta ordenar essa disseminação de informações e pontos de vista, sem que se limite pelo olhar exclusivo de si.

Já nas últimas páginas do livro, destaca-se como a dinâmica da categoria gramatical **ela**, ou o **nós**, é uma ferramenta indissociável do seu memorial:

Ela só poderia escrever a partir da própria língua, aquela falada por todos, única ferramenta que poderia usar para tratar daquilo que a revoltava. Assim, o livro a ser feito representava um instrumento de luta. **Ela não abandonou essa ambição, mas agora tudo o que mais gostaria era de poder captar a luz que toca nos rostos já desaparecidos, nos guardanapos manchados de comida nos encontros de família,** essa luz que já estava nas histórias contadas aos domingos em sua infância e que **continuou encostando em todas as coisas assim que eram vividas,** uma luz anterior. (ERNAUX, 2021, p. 212, grifos meus)

Por mais abstrata que essa tentativa possa parecer, a estratégia empregada de pluralizar os pontos de vista em um ambiente que, caracteristicamente, se restringe sobre a face do **eu**, permite a reflexão acerca da busca e preservação daquilo que já está perdido, o tempo.

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

A vida da imagem é finita, fato que Ernaux já indica no primeiro parágrafo de seu texto. Um sujeito atravessado exclusivamente pelo **eu** poderia sofrer de um mal semelhante, dado que a história a ser contada e os conflitos existenciais presentes nas lembranças intimistas desapareceriam com a morte do indivíduo que as carregava.

Porém, a identidade explorada em *Os anos* (2021) é ancorada ainda pelo outro, que é convocado regularmente a imaginar quem é **ela** e quem está encapsulado pela categoria gramatical **nós**. São as constantes indagações e as múltiplas interpretações dos futuros leitores que performam como força motriz, capaz de manter a vivacidade das lembranças.

A história organizada pela obra e o seu método de ilustrar as fotografias, como afirma Dubois (2019), permite estabelecer um diálogo com o passado que se esvaiu. E a escrita, revela-se como um suporte apropriado para a reunião entre o tempo perdido e a esperança de sobrevivência, ou seja, dedicada ao futuro.

4. Conclusão

Os anos (2021) porta-se como uma mensagem adiante, que busca a atenção para a história que se despede com a chegada de uma nova era, o século

XXI. Quando a sua escritora elucida que, “Ela só vai olhar para si própria buscando encontrar o mundo [...] a transformação das pessoas e das coisas que ela conheceu e que nada serão talvez, perto daqueles que terão conhecido sua neta e todos os indivíduos vivos em 2070.” (ERNAUX, 2021, p. 211), o objetivo deste livro é testar o potencial de conservação da memória partida.

A constatação e temor do desaparecimento é uma sensação que permeia a produção da francesa, ao mesmo tempo em que sua narrativa sintetiza uma jornada que visa o resgate das cenas que fizeram parte da vida em comum no país, vultos essencialmente fragmentados. A perda não se limita ao que é visto, ouvido e dito pela narradora-personagem, mas se estende para os modos de vivência e interação coletiva. O grupo intitulado **nós** também sente o sinal de adeus dado pelo tempo.

Dessa maneira, o espaço do relato se desdobra ao longo das identificações abstratas de outros **eu**, que disseminam seus conceitos acerca da personagem e ecoam múltiplos sentidos para o tempo que foi memorado. Forma-se então uma extensa rede de interpretações das lembranças e fotografias, que não serão apagadas quando o livro se

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

encerra, mas ganham uma sobrevida por meio da reconstrução imagética e subsequentes leituras da história ali narrada.

A escrita de Annie Ernaux enfatiza a função política e social de sua vivência, ela deve ser lida e compreendida como um boletim aberto para o olhar do público. Esse é o instrumento com o qual a autora luta contra as contingências temporais sobre a memória, tornando-se porta voz de uma história pluralizada.

Diante do que foi avaliado no decorrer do artigo, observa-se então a potência de um memorial que se salva, e sobrevive, no ato de entregar-se à perspectiva do outro, entidade capaz de preservar as linhas históricas através da miríade de pontos de vista.

Referências

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**. Dilemas da Subjetividade Contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. ISBN: 978-85-7511-167-3.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. ISBN: 85-209-0480-7.

_____. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. ISBN: 978-85-7448-075-6.

BRITO, Pedro. G. Dias. Le mort hante le vif: A questão da ficção e o lugar do sujeito na literatura de Annie Ernaux. **Alea: Estudos Neolatinos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 326-342, jan./mar. 2023. Disponível em: <<<https://revistas.ufrj.br/index.php/alea/article/view/57926>>>. Acesso em: 12 fev. 2025.

DOUBROVSKY, Serge. O Último Eu. In: Noronha, Jovita Maria Gerheim. (Org.). **Ensaios sobre a autoficção**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 111-125. ISBN: 978-85-4230-060-4.

DUBOIS, Philippe. Pós-fotografia, pós-cinema: os desafios do “pós”. In: FURTADO, Beatriz; DUBOIS, Philippe (Org.). **Pós-fotografia, pós-cinema: Novas configurações das imagens**. 1. ed. São Paulo: Edições Sesc, 2019. 312 p. ISBN: 987-85-9493-141-2.

ERNAUX, Annie. **Os anos**. Tradução de Marília Garcia. 1. ed. São Paulo: Fósforo Editora, 2021. 219 p. ISBN: 978-65-8973-315-7.

FREITAS, Gabriela Seguesse. A escrita autobiográfica de Annie Ernaux: Uma análise das memórias em O Acontecimento. **Revista Ícone: Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**, Goiás, v. 24, ed. 2, p. 168-182, 2024. Disponível em: <<<https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/view/14789>>>. Acesso em 12 fev. 2025.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim. Interfaces entre biografia e autobiografia na obra de Annie Ernaux. In: Junior, Alberto Ferreira da Rocha (Org.). **Narrativas autobiográficas: Literatura, discurso e teatro**. 1. ed. São João Del-Rei: [s. n.], 2014. p. 171-189. ISBN 978-85-6758-910-7.

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

**THE MEMORIAL OF THE OTHER: THE DYNAMICS OF SURVIVAL
THROUGH WRITING IN ANNIE ERNAUX'S WORK *OS ANOS***

Maria Elisa Barbosa Siqueira

Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ)

mari.barbosa1799@aluno.ufsj.edu.br

ABSTRACT

The present article investigates the writing project in *The Years* (2021) by Annie Ernaux, in which her private experience is used as a tool to recount collective history in France. The act of writing her memories reveals a principle of provocation and questioning about the social context of the time. Photographs, elements reconstructed through the materiality of the text, reveal the outline of an undefined being, the portrait of a biographical subject that does not rely on the grammatical category of "I". The observation that only the pronouns "we" and "she" are used underscores how readers of the work are engaged through referential games, in which the intrusion of the other allows history lost in the past to be preserved for the future. For this analysis, the concepts developed by Leonor Arfuch, Roland Barthes, Pedro G. D. Brito, Serge Doubrovsky, Philippe Dubois, Gabriela S. Freitas, and Jovita M. G. Noronha will be employed. Ernaux's work is a memorial to society, a space of which she is a part and where she becomes the narrator of the multiple perspectives that surround her.

Keywords: Writing; Narrative; Biographical space; Identity.

DOSSIÊ "MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

EL MEMORIAL DEL OTRO: LA DINÁMICA DE LA SUPERVIVENCIA A TRAVÉS DE LA ESCRITURA EN LA OBRA *LOS OS AÑOS*, DE ANNIE ERNAUX

Maria Elisa Barbosa Siqueira

Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ)

(mari.barbosa1799@aluno.ufsj.edu.br)

RESUMEN

Este artículo investiga el proyecto de escritura en *Los años* (2021), de Annie Ernaux, en el que su experiencia privada se utiliza como herramienta para relatar la historia colectiva en Francia. El acto de escribir sus recuerdos despliega un principio de provocación y cuestionamiento sobre el contexto social de la época. Las fotografías, elementos reconstruidos por la materialidad del texto, revelan el boceto de un ser indefinido, el retrato de un sujeto biográfico que no se apoya en el uso de la categoría gramatical “yo”. El hecho de que sólo se utilicen los pronombres “nosotros” y “ella” subraya de qué manera los lectores de la obra son convocados por los juegos referenciales, en los que la intrusión del otro permite preservar para el futuro la historia perdida en el pasado. Para este análisis, se emplearán los conceptos desarrollados por Leonor Arfuch, Roland Barthes, Pedro G. D. Brito, Serge Doubrovsky, Philippe Dubois, Gabriela S. Freitas y Jovita M.G. Noronha. La obra de Ernaux es un memorial para la sociedad, espacio del cual forma parte y en el que se convierte en narradora de las múltiples perspectivas que la rodean.

Palabras-clave: Escritura; Narrativa; Espacio biográfico; Identidad.

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------